

A literatura como
FERRAMENTA
DE ACESSIBILIDADE

Linguística para os alunos surdos do

INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA

IFRO



Autoras:
Nathali Fernanda Machado Silva
Sandra Aparecida Lopes Ferrari



CRB-11/916

Silva, Nathali Fernanda Machado.

A literatura como ferramenta de acessibilidade linguística para os alunos surdos do Instituto Federal de Rondônia / Nathali Fernanda Machado Silva, Porto Velho-RO, 2023.

33 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. Dra Sandra Aparecida Lopes Ferrari.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho-RO, 2023.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Literatura. 3. Material didático docente. 4. Educação Profissional Tecnológica. I. Ferrari, Sandra Aparecida Lopes (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916 (Reitoria)

FICHA TÉCNICA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO

Origem do produto

Trabalho de dissertação “A literatura como ferramenta de acessibilidade linguística para os alunos surdos do Instituto Federal de Rondônia – IFRO”.

Autora da pesquisa

Nathali Fernanda Machado Silva

Dados do produto educacional

Orientadora da pesquisa

Sandra Aparecida Lopes Ferrari

Revisora de texto

Ivone Teixeira

Apoio financeiro

Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação – DEPESP, Campus Porto Velho Calama, 2023.

Áreas de conhecimento

Ensino. Literatura. Linguística.

Registro do produto

Biblioteca do IFRO – Campus Porto Velho Calama, 2024.

Disponibilidade

Irrestrita, preservando os direitos autorais, bem como a proibição do uso comercial do produto.

Instituições envolvidas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Rondônia – IFRO

Idioma

Língua Portuguesa e Libras

Cidade

Porto Velho

País

Brasil

Diagramação

Marcus Munhoz - @optchadesign

O que é o produto?

Trata-se de um material de texto e de vídeo em Libras da tradução do conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, que pretende auxiliar nas práticas de ensino da literatura para alunos surdos, visando subsidiar o trabalho docente. Também contém recursos de apoio ao aluno surdo para a leitura do conto escrito em língua portuguesa e sugestões de práticas experimentais aos professores.

Objetivo

Contribuir para a inovação dos processos de ensino-aprendizagem, utilizados pelos docentes de literatura, por meio da tradução em Libras do conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, disponibilizada em formato digital.

Público-alvo

Professores da área de literatura que lecionam no ensino médio. Alunos surdos do ensino médio.

Finalidade

Colaborar com a prática docente no ensino de contos da literatura brasileira a alunos surdos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Avaliação do produto

A avaliação do e-book foi realizada por quatro professores ouvintes de literatura do ensino médio integrado ao técnico e cinco estudantes surdos do ensino médio integrado ao técnico.



SUMÁRIO

AS AUTORAS.....7

PARA O PROFESSOR.....9

- apresentação do material; contextualizações importantes; pontos relacionados com a importância de se trabalhar a literatura, valorizando a primeira língua dos sujeitos surdos e suas culturas.

O CONTO EM LIBRAS..... 16

- conto da literatura brasileira, selecionado pelos professores (sujeitos desta pesquisa), vídeos das traduções em Libras do conto; identificação de termos e palavras dentro do conto que mereciam explicações específicas devido à estrutura e diferença entre a língua portuguesa e a língua de sinais (é possível clicar nos termos destacados e abrir janelas explicativas em Libras com as devidas contextualizações).

PARA COMPLEMENTAR SUA AULA 24

- links como sugestões de materiais da literatura surda para serem trabalhados paralelamente à literatura brasileira em sala de aula.

PALAVRAS FINAIS 28

REFERÊNCIAS..... 29

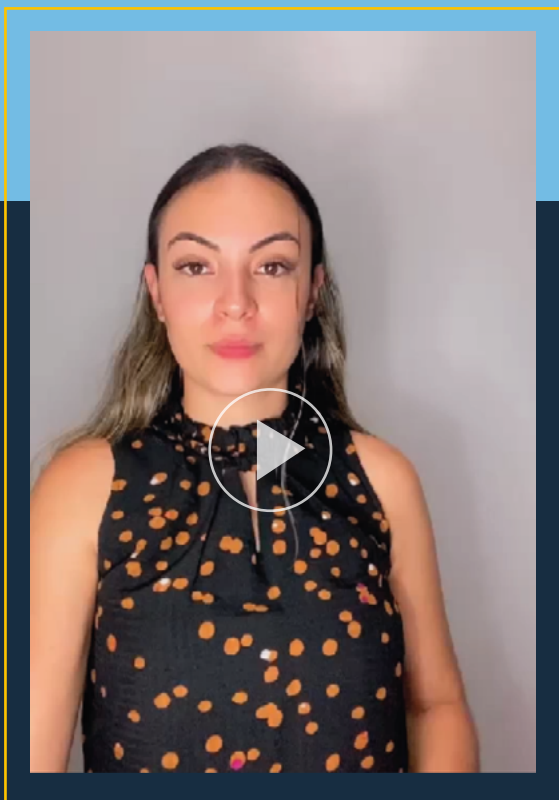


“

A estrutura da língua que
uma pessoa fala influencia a
maneira com que esta pes-
soa percebe o universo.

Lev Vygotsky

”



Meu sinal em Libras

**Nathali Fernanda
Machado Silva**



As autoras

Graduada em Letras e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), desenvolveu através do Pibic/CNPQ o projeto de pesquisa sobre a obra de Antonio Candido. Definiu sua área de pesquisa com o trabalho da monografia “A aquisição da língua portuguesa escrita por alunos surdos: um estudo de caso”. Deu sequência à sua pesquisa na pós-graduação em Língua Brasileira de Sinais. Atualmente no Mestrado ProfEPT desenvolve um livro digital para professores de literatura de alunos surdos. É tradutora e intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), onde institucionalizou o Programa de Libras do IFRO (Librif_ro). Desenvolveu trabalho na coordenação do NAPNE do Campus Porto Velho/Calama e posteriormente como coordenadora geral de ações inclusivas na Reitoria/CAIN/IFRO.

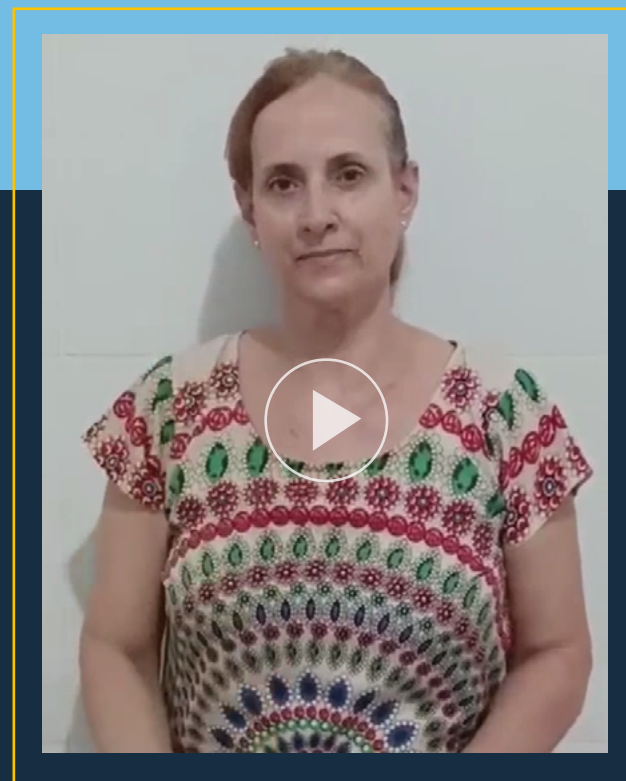




**Sandra Aparecida Fernandes
Lopes Ferrari**

Professora titular aposentada do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Docente do Programa de Mestrado em Ensino Profissional e Tecnológico – ProfEPT – do IFRO, atua na linha de pesquisa Práticas Educativas em EPT. Graduada em Letras pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e mestra em Estudos Literários pela mesma Universidade. Graduanda em Música pela Uninter. Integrante do GPeL – Grupo de Pesquisa em Linguagens do IFRO, Campus Vilhena, desenvolve seus estudos nas linhas de pesquisa “Leitura, Escrita e Interpretação” e “Formação Docente”. É integrante do GEPEC – Grupo de Pesquisa em Poética Contemporânea Brasileira, da Universidade Federal de Rondônia – Campus Vilhena e desenvolve suas pesquisas na linha “Contemporânea.” Foi membro integrante de projeto interinstitucional da pesquisa “Leitura e escrita no Brasil, Honduras, Angola e Chile: formação na universidade contemporânea”.

As autoras



Meu sinal em Libras



Parte 1

PARA O PROFESSOR



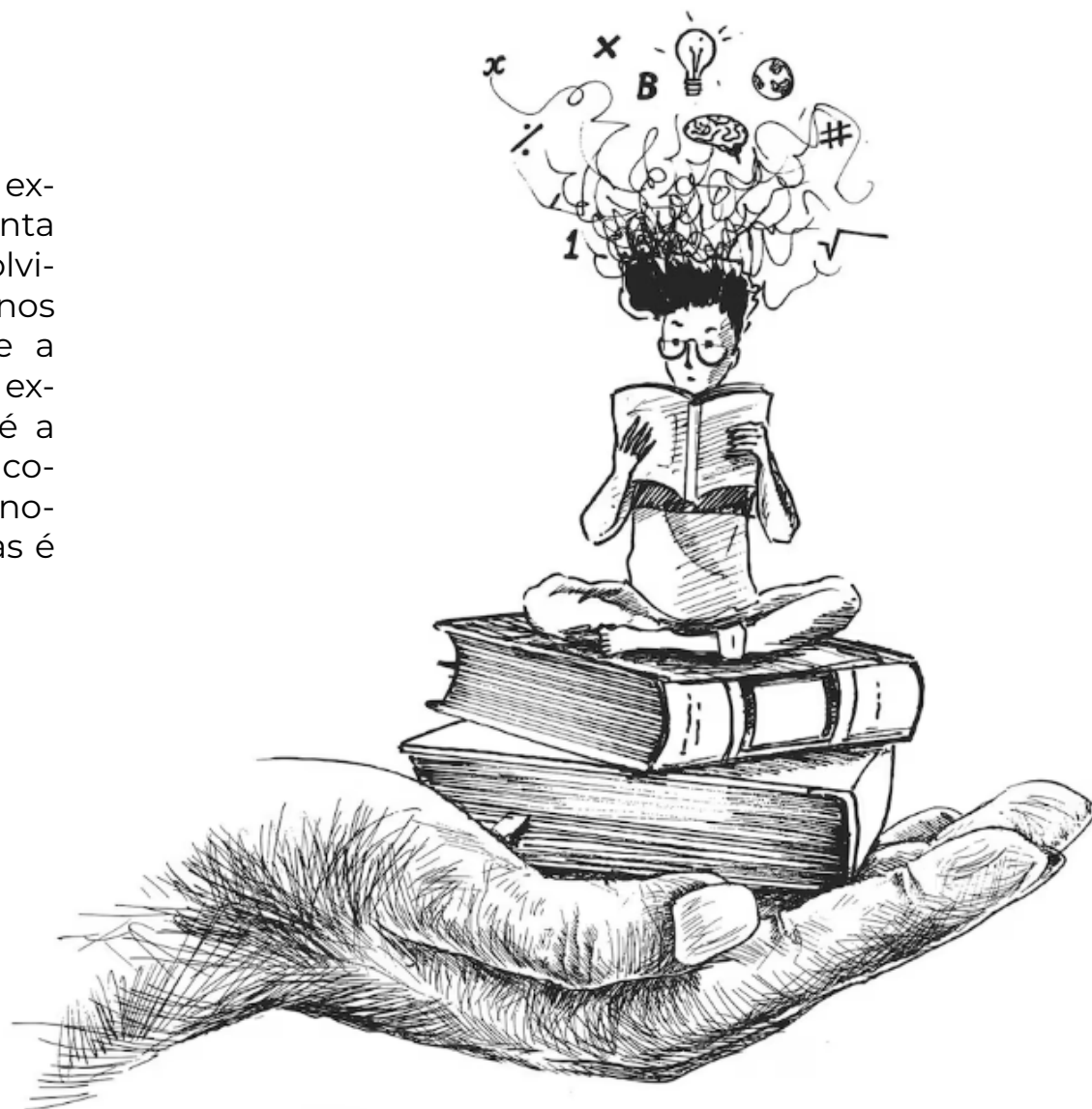
Introdução

Muitas vezes, a noção de língua está associada à expressão da voz. Contudo, mesmo que se leve em conta que a capacidade de ouvir é crucial para o desenvolvimento da linguagem humana, a realidade coloca-nos perante situações muito diversas, mostrando que a vocalização de uma língua não é o único meio de expressão existente (Rosa, 2010). No Brasil, a Libras é a língua natural das pessoas surdas. Trata-se de uma comunicação gestual-visual e de uma língua autônoma em relação à língua portuguesa. De fato, a Libras é

“ uma outra língua que, para sua expressão, em vez da voz, utiliza os sinais e que, como qualquer língua, tem símbolos e gramática próprios

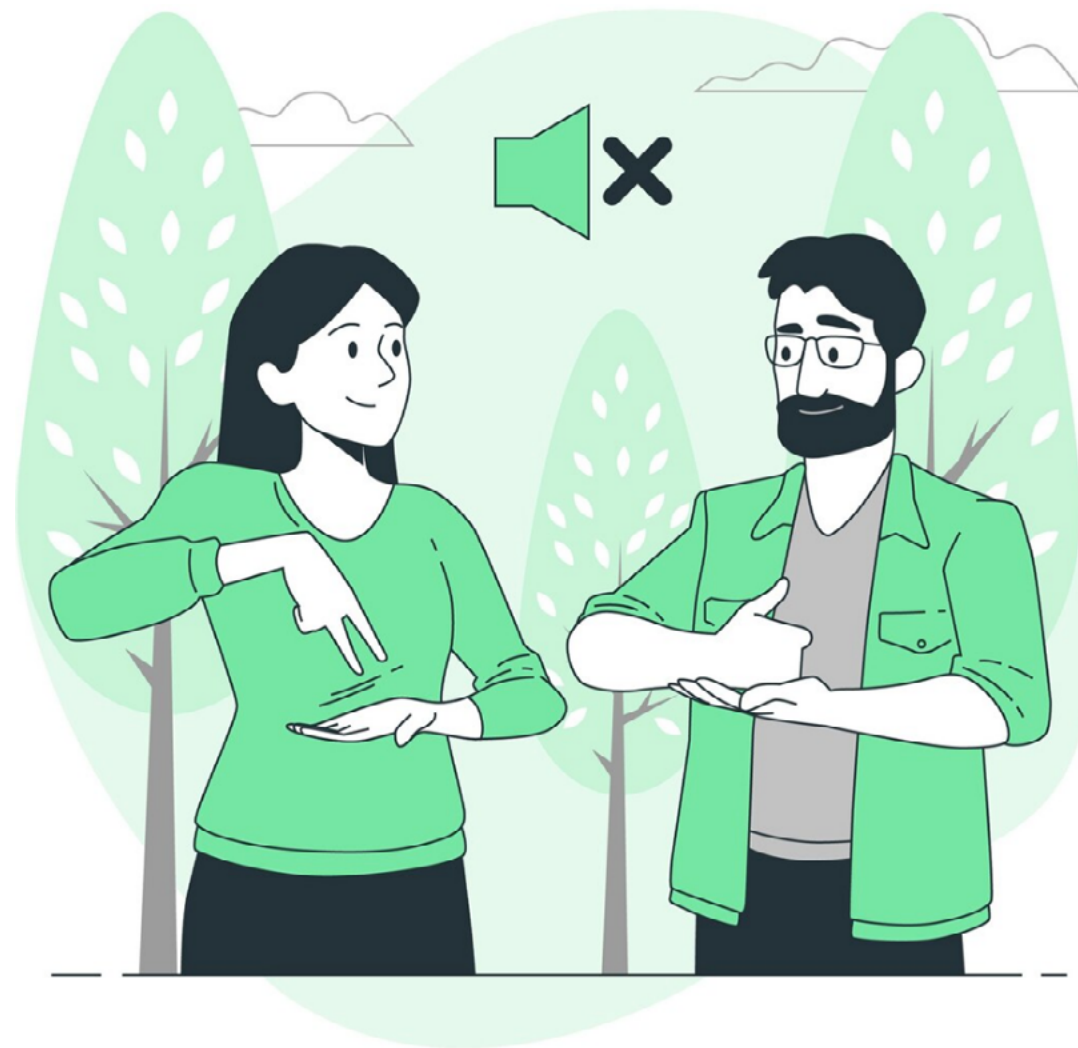
(Rosa, 2010, p. 151).

”



A constituição de uma sociedade é atravessada por contrastes que existem como forma de legitimar poderes instituídos. Historicamente, o espaço social supre as necessidades dos indivíduos de maneiras diferentes, seguindo sempre a lógica da dominação. Assim, ao abordar o trabalho literário com alunos surdos, os aspectos relacionados à história e à identidade também ganham relevo. É importante observarmos o modo como ocorre a construção social da identidade surda e quais as implicações disso em sala de aula, para que o respeito às diferenças linguísticas e culturais seja incorporado também ao processo educacional.

Considerando essas questões, o propósito deste trabalho é dar suporte ao ensino da literatura brasileira a alunos surdos do ensino médio integrado ao técnico do IFRO, Campus Porto Velho Calama, respeitando os fatores históricos e identitários que geraram a construção cultural desses sujeitos. Ou seja, é importante que o aluno surdo aprenda a identificar um texto literário primeiramente em sua primeira língua (L1), isto é, em Libras, e posteriormente em sua segunda língua (L2), a língua portuguesa, neste caso; assim, ele terá condições de estabelecer relações necessárias para a compreensão do texto.



Relacionando com a EPT

A educação profissional e tecnológica (EPT) tem como proposição a formação integral, omnilateral e politécnica, a partir da ciência, do trabalho, da cultura e da tecnologia (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005). Uma das bases da EPT é o conhecimento adquirido com experiências vividas na prática profissional aliada aos conteúdos teóricos, podendo isso ocorrer dentro ou fora da sala de aula.



Refere-se a uma formação integral para entender o mundo e para o desempenho como cidadão no sentido de “garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito de uma formação para conceber sujeitos críticos, autônomos e protagonistas” (Ciavatta, 2010, p. 85). Dessa forma, o ensino não deve ser norteador por uma percepção tradicional, já que exige a formação de seres humanos críticos e protagonistas do seu processo de aprendizagem, características importantes para uma formação integral e omnilateral. Por isso, o problema investigado nesta pesquisa é em torno das seguintes indagações:

Reflexões iniciais



Como ensinar contos da literatura brasileira a alunos surdos sem seguir o padrão tradicional, que desconsidera a cultura e a língua materna desses sujeitos?



Como promover aos alunos surdos uma formação crítica, consciente de sua cultura e que propicie espaço para o protagonismo da Libras?



Será que por meio da literatura é possível construir uma sala de aula com mais acessibilidade linguística e visibilidade à língua de sinais?



Desmistificando a cultura surda



Problemas geralmente encontrados em sala de aula em relação ao professor e ao aluno surdo:

- a. não conseguir enxergar o aluno surdo como falante de outra língua e de outra cultura;
- b. a minimização da capacidade cognitivo-linguística da pessoa surda, que envolve aspectos de percepção, atenção, memória, raciocínio e imaginação;
- c. a vinculação da escrita dos surdos à dificuldade de aprendizado;
- d. a isenção (não oportunização) do aluno surdo como protagonista em uma sala de aula predominantemente ouvinte (falantes da língua portuguesa);
- e. a imposição da língua portuguesa sobre a Libras;
- f. a não valorização e a omissão da história e da identidade surda.



No contexto da tradução

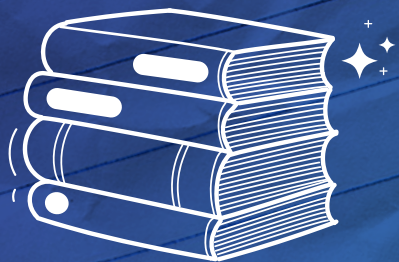
Então, seria possível transmitir na Libras todos os recursos linguísticos presentes em um texto literário da língua portuguesa? O que precisamos considerar nesse caso é que a LP tem uma modalidade oral-auditiva, enquanto a Libras é gestual-visual. Ao comparar as duas línguas, deparamos com condições culturais heterogêneas e, conseqüentemente, com

“ **condições de conhecimento de mundo ainda mais diversas e singulares, que refletem no contexto e influenciam a materialidade da tradução.** ”

(Machado, 2013, p. 52)

Portanto, traduzir não envolve apenas o domínio de línguas, mas também processos mentais altamente complexos, utilização de procedimentos e estratégias para solucionar problemas, conhecimento de duas culturas para tomadas de decisão mais conscientes, e buscas internas (memória) e externas (dicionários, internet, contato com os surdos). No contexto deste trabalho, a tradução do conto escolhido necessitou ser ao mesmo tempo fiel ao autor do conto, à estrutura da Libras e à cultura dos seus falantes.





Parte 2

O CONTO EM LIBRAS

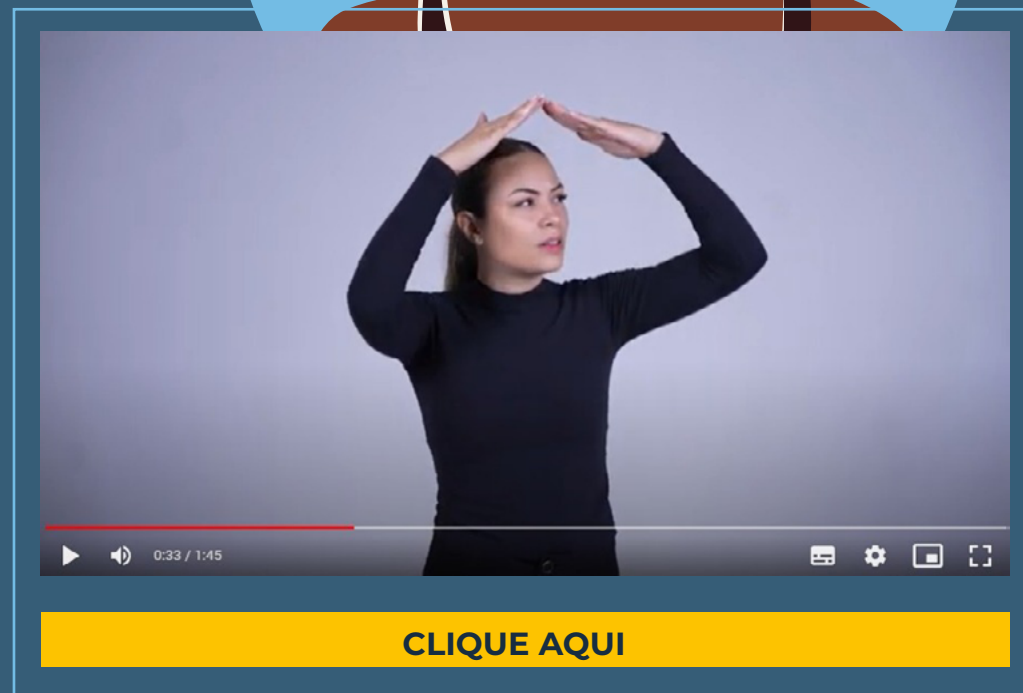


Conto

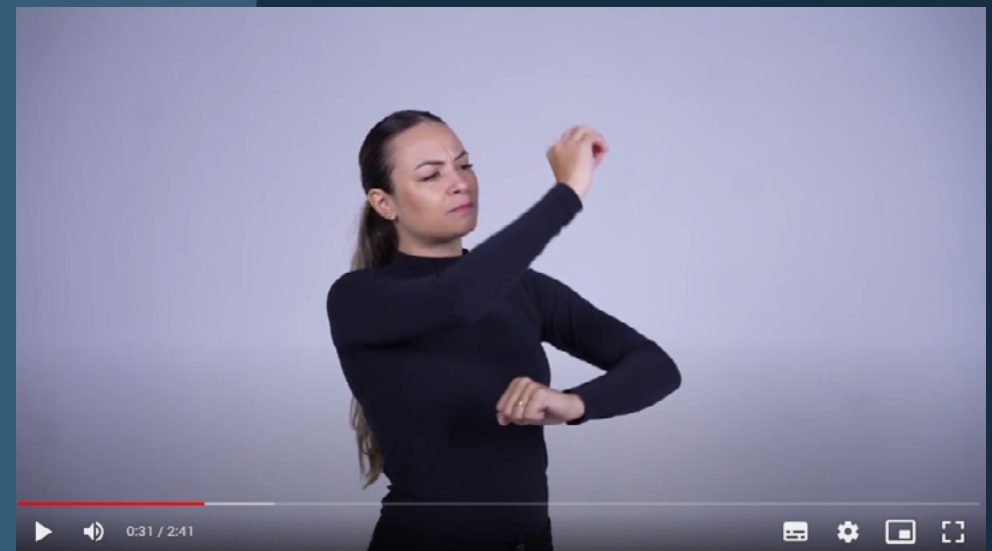
Olhos d'água,

de Conceição Evaristo

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?



Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?



[CLIQUE AQUI](#)

Conto Olhos d'água, de Conceição Evaristo

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em

que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.



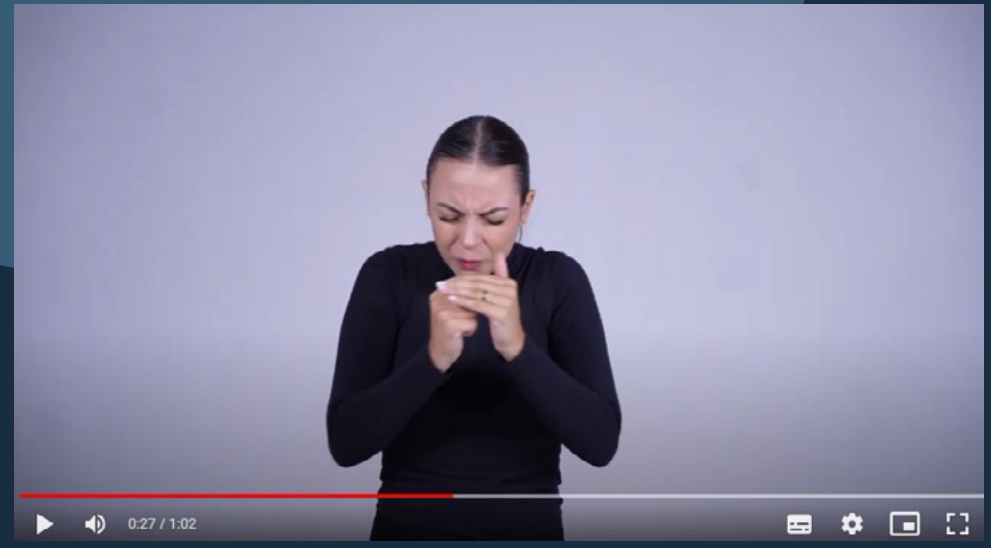
Conto Olhos d'água, de Conceição Evaristo

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umhas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?



[CLIQUE AQUI](#)



[CLIQUE AQUI](#)

Conto Olhos d'água, de Conceição Evaristo

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?



Conto Olhos d'água, de Conceição Evaristo

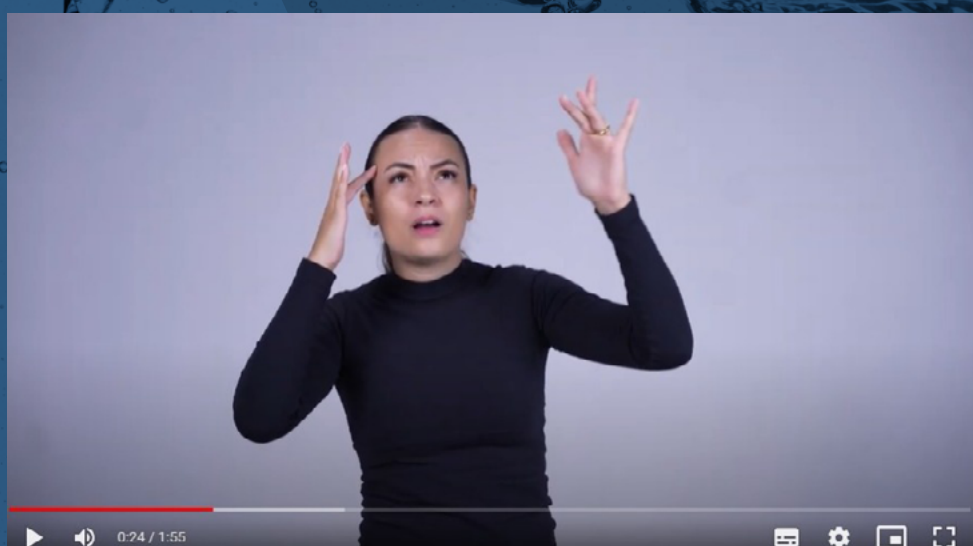
E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas.



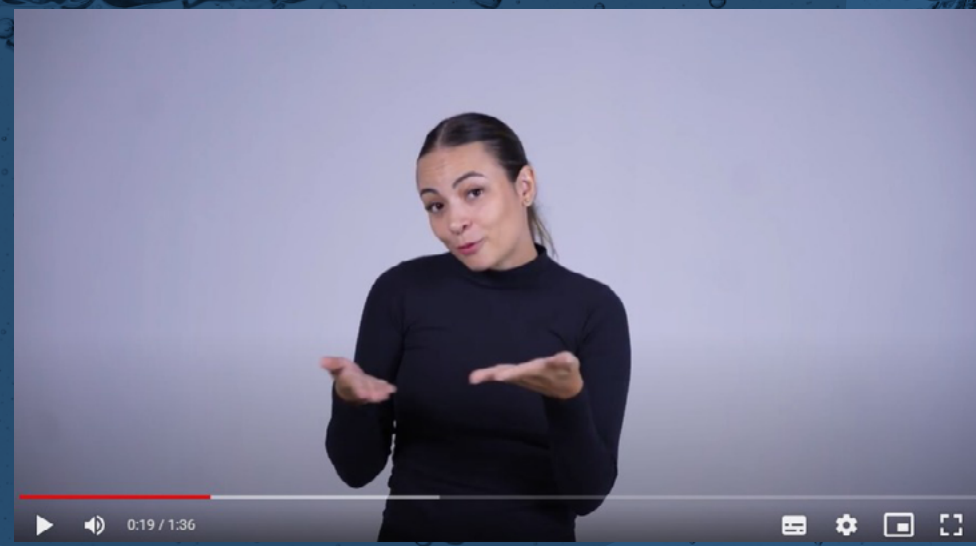
Conto Olhos d'água, de Conceição Evaristo

Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas dela se misturarem às minhas. Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: —Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?



[CLIQUE AQUI](#)



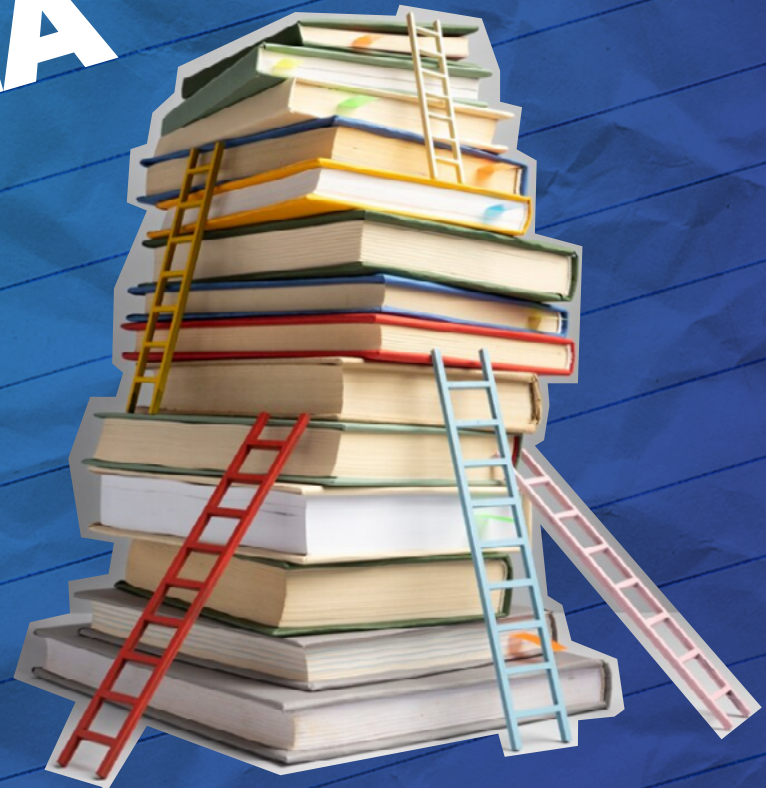
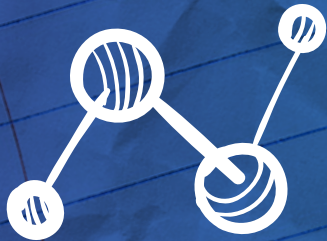
[CLIQUE AQUI](#)



Parte 3



**PARA
COMPLEMENTAR
SUA AULA**





Literatura em libras

Rachel Sutton-Spence

[CLIQUE AQUI](#)

Literatura cinematográfica e o vernáculo visual (vv)

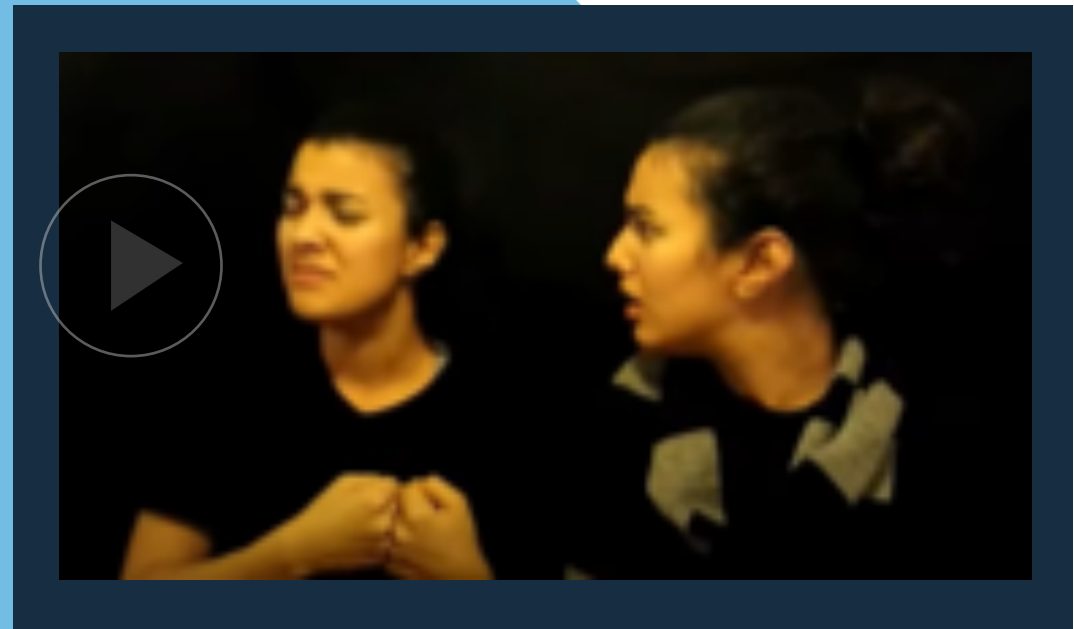
Material de apoio

[CLIQUE AQUI](#)

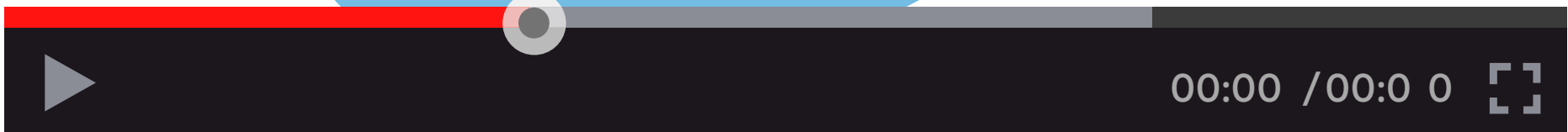
Vídeos

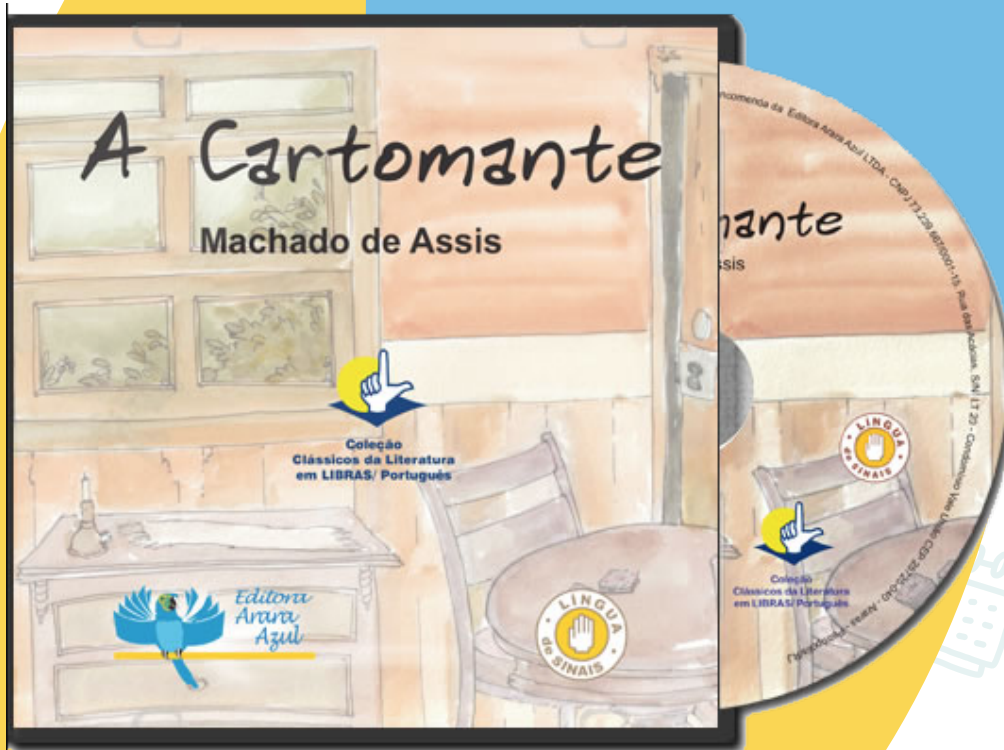


CLIQUE AQUI



CLIQUE AQUI





Materiais bilíngues: Português – Libras

[CLIQUE AQUI](#)

- Outras opções que poderão ser encontradas no site:

OBRA	AUTOR
<i>Alice no País das Maravilhas</i>	Lewis Carroll
<i>Iracema</i>	José de Alencar
<i>Pinóquio</i>	Carlo Lorenzini (Collodi)
<i>A História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa</i>	De As Mil e Uma Noites, da tradição oral persa
<i>O Velho da Horta</i>	Gil Vicente
<i>O Alienista (em dois CD's)</i>	Machado de Assis
<i>O Caso da Vara</i>	Machado de Assis
<i>A Missa do Galo</i>	Machado de Assis
<i>A Cartomante</i>	Machado de Assis
<i>O Relógio de Ouro</i>	Machado de Assis

PALAVRAS FINAIS

Para a elaboração do produto educacional, foi averiguado que a participação dos professores e alunos surdos durante todo o processo fortaleceu o embasamento teórico e a estruturação final do livro digital em Libras. O intuito era criar um material de suporte aos docentes de literatura que despertasse o interesse dos alunos surdos para a leitura do conto da literatura brasileira escrito em língua portuguesa, mas com suporte da Libras, focado em uma aprendizagem mais autônoma e omnilateral. É pertinente destacar e agradecer a disponibilidade e a participação de todos os envolvidos, pois foi o que permitiu a organização dos conteúdos e o aprendizado de novos conceitos relevantes.

Sobre a importância de ministrar aulas de literatura considerando os aspectos linguísticos e culturais dos alunos surdos, e após estudar e evidenciar os resultados compartilhados na dissertação desta pesquisa, conclui-se que, ao ignorar diferenças linguísticas e culturais, acaba-se fixando a ideia de que o sujeito surdo se resume a uma deficiência. Enquanto a surdez for vista como

uma falta a ser compensada de acordo com os critérios de uma pretensa normalidade, teremos espaço para a estigmatização e o preconceito. E isso é o que normaliza a falta da acessibilidade linguística em sala de aula e responsabiliza o aluno surdo pela dificuldade de ler e interpretar textos literários da língua portuguesa. Mas é possível que o ensino da literatura brasileira a alunos surdos seja usado como ferramenta de inclusão, desde que considere a Libras como elemento importantíssimo da cultura surda, que desempenha papel fundamental no desenvolvimento da identidade desses indivíduos.

Portanto, o livro digital em Libras aqui desenvolvido fica reconhecido ao final desta pesquisa como um subsídio de acessibilidade linguística e cultural às aulas de literatura com alunos surdos. Também é enxergada uma possibilidade real da omnilateralidade, uma vez que reflete sobre a cultura de uma minoria linguística e proporciona a ela autonomia em relação à língua majoritária, valorização e criação de identidade histórico-cultural.



REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática.** São Paulo: Ática, 2007.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARBOSA, Juliana Bertucci. **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor.** Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- BARTHES, R. **Crítica e verdade.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BATISTA, João Marinho. **A sequência didática no ensino de língua portuguesa como L2 para surdos.** Artigo científico. IFPB, 2020.
- BORGES, J. L. **Esse ofício do verso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRASIL. **Decreto n.º 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.
- BRASIL. **Lei n.º 10.048**, de 8 de novembro de 2000. Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências. Brasília, 9 nov. 2000.
- BRASIL. **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Brasília, 2002.
- BRASIL. **Lei n.º 12.319**, de 1.º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília, 2010.
- BRASIL. **Lei n.º 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 7 jul. 2015.
- CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira.** 2. ed. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 1975.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura: In. **Vários escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Silvio Romero**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2010.

CIAVATTA, Maria; FRIGOTTO, Gaudêncio. Ensino médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília, **Boletim MEC/SEMTEC**, Brasília, 338p, Maio/jun. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto07.pdf> Acesso em: 14 de ago. 2022.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122>> Acesso em: 14 de ago. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, 13 de junho de 2013. Seção 1, p. 59. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução n.º 510 de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, 24 de maio de 2016. Seção 1, p. 44, 45, 46. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

EDITORA ARARA AZUL. **Entrevista com Karin Strobel**. Disponível em: <<https://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/perfil.php>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Avaliação de estudantes surdos e deficientes auditivos sob um novo paradigma: Enem em Libras. **Revista Educação Especial**, [s.l.], v. 32, p. 28-45, 18 mar. 2019. Universidade Federal de Santa Maria. <<http://dx.doi.org/10.5902/1984686x28732>>.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel**. Pelotas. v. 36, p. 155-174, maio/agosto 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>>. Acesso em: 5 set. 2023.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino médio e profissional: as políticas do estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 2001.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira**. 2013. 149 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONTEIRO. J.L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2007.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MOURA, Maria Cecília. A escola bilíngue para surdos: uma realidade possível. In: **Surdos: qual escola?** Manaus: Edua, 2011. p. 155.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, 2013. Disponível em: <<https://aedmoodle.ufpa.br/enrol/index.php?id=3881>>. Acesso em: 25 out. 2022.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de herança**. São Paulo: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Muller de. O “BI” em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (org). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Marise. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, Nildicéia Aparecida. Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 641-680, 2017.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à (Bio) Linguística: linguagem e mente**. São Paulo: Contexto, 2010.

SÁ. N. R.L. **Surdos: qual escola?** Manaus: Edua, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Fundamentos ontológicos e históricos da relação trabalho e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro v. 12 n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 16 de ago. 2023.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnia. **Revista Brasileira de Educação, Trabalho e Saúde**, Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, v. 1, n. 1. Mar. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/zLgxprrzCX-5GYtgFpr7VbhG/>> Acesso em: 16 de ago. 2023.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**. 1972, n. 10, p. 209-231.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA. E-docente. Disponível em: <<https://www.edocente.com.br/blog/escola/sequencia-didatica-para-educacao-basica/>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar para a diferença. São Paulo: Mediação, 2001.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

STROBEL, K. L. **História da educação dos surdos**. Apostila elaborada para disciplina de curso de licenciatura de Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2009.

STROBEL, K. L. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VARGA, Kibédi. **Teoria da literatura**. Lisboa: Presença, 1981.

ZABALA, A. A. **Prática educativa**. Trad. Ernani F. F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZIMBRES, Patrícia de Queiroz Carvalho. **Tradução literária e teoria da tradução**. 2015. 67 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

A formação da identidade cultural está vinculada diretamente à forma como cada sujeito é inventado, traduzido e interpretado no contexto em que vive. Se observarmos qualquer grupo social, veremos como o idioma e a cultura estão interligados. Por isso, a língua e a cultura constroem e alteram a dinâmica social, uma influenciando a outra. No caso dos sujeitos surdos e do processo educacional na educação profissional e tecnológica (EPT), esses fatores culturais e linguísticos, muitas vezes, têm sido desconsiderados, resultando em perdas de aprendizagem, principalmente da língua portuguesa (LP) e sua literatura. O problema é gerado, então, em torno da seguinte indagação: como ensinar literatura a alunos surdos da EPT sem desconsiderar a língua materna e a cultura desses sujeitos?

Os resultados desta pesquisa possibilitam entender que o aluno surdo compreende melhor os aspectos da literatura por meio da promoção de acessibilidade linguística, e não por imposição de uma língua majoritária para substituir sua língua materna. O estudo foi concretizado por meio de levantamento bibliográfico, análise documental, roda de conversa inicial de diagnóstico, quatro rodas de conversa seguintes direcionadas com roteiros, avaliação e finalização do produto gerado. Verifica-se a importância desta pesquisa quando se faz necessário que a marca maior da identidade dos sujeitos surdos seja incorporada ao processo educacional da EPT, ou seja, durante o aprendizado não há como inativar a Libras e ensinar a língua portuguesa de forma isolada.